

## O ELOGIO DO MOVIMENTO: ESTUDOS INDICIÁRIOS SOBRE A MODERNIDADE NAS TERRAS DO CAFÉ, PRIMEIRA REPÚBLICA

Humberto PERINELLI NETO\*

Passando as férias em sua cidade natal, Uriel Rocha escrevia uma carta à amiga Yvete, que com ele convivia a maior parte do ano em São Paulo, onde cursavam faculdade. Munido de um espírito etnográfico é que nosso depoente compunha uma narrativa cujo principal propósito era o de apresentar traços do espaço urbano, dos personagens que chamavam atenção, bem como das reações dos moradores desta cidade diante disso tudo. A vivência na capital paulista havia feito com que Uriel observa-se de modo desnaturalizado seu lugar e sua gente, por conseguinte, que passasse a perceber de maneira mais contundente as singularidades desse universo social quando retornasse a ele. Próprio de um ofício que se vale da competência de transformar em fonte aquilo que guardava outra significação social, a escrita íntima e afetiva em questão permite ao historiador atentar para a presença de duas forças sócias latentes em Barretos ainda na década de 1940, o arcaico e o moderno, mesmo após a ocorrência do processo de modernização ali registrado desde o último quartel do século XIX:

Você não conhece Barretos.

É uma cidade (quase uma grande cidade) que fica à margem direita dos trilhos da Companhia Paulista de cuja estação, de esqueleto d'áço, divisa-se um gracioso panorama de casas brancas e amarelas.

Os telhados, uns vermelhinhos e novos, e outros escuros e musgosos, como que flutuam, como grandes barcos emborcados na onda verde das árvores frutíferas que ensombram quase todos os quintais.

Na arquitetura ingênua do interior, as casas quase todas são parecidas e essa monotonia só é quebrada, aqui e acolá, pelo escândalo rígido de algum edifício futurista. Há também três ou quatro casas em estilo mexicano, que são o

---

\* Doutorando em História e Cultura Política (UNESP/Franca) e graduando em Letras (UNESP/S.J. Rio Preto). Professor do Centro Universitário “Barão de Mauá” (Ribeirão Preto, SP) e da Fundação Educacional de Fernandópolis (SP), onde coordena a graduação em História, o Centro de Documentação e Pesquisa (CDP) e o Projeto “Memória Regional e Local”. É membro do CEMUMC/UNESP (Centro de Estudos da Modernidade e Urbanização no Mundo do Café), do GT “História Cultural” (UEG) e do CIER/UFMG (Centro Interdisciplinar de Estudos Regionais).

orgulho dos barretenses, citadas por eles como prova do seu progresso e bom gosto.

As ruas são retas e numeradas. Os quarteirões, quadrados. Os passeios são larguíssimos, com bom calçamento de mosaicos quadriculados.

Temos um bom cinema, duas piscinas, um campo de tênis, um bom clube e razoáveis casas de comércio. Na seca, muita poeira, nas águas, alguma lama.

Mas a feição mais notável da cidade, por ser própria e original, é dada pelos seus vaqueiros bizarros, metidos dentro de larguíssimas calças, as “bombachas”, afogadas em baixo por curtas botas “sanfona”; à cinta, um largo cinto de couro – chamado “guaiaca” – com lugar para o revólver e para a faca pontuda – que eles não usam na cidade, por proibição da polícia.

Esses homens são os peões – que passam meses a cavalo e trazem as boiadas dos sertões. À noitinha, “ponteiam” as violas e cantam langorosas “modas”. Apesar do seu grande número, os peões não constituem o tipo geral do homem de Barretos. Eles são como que a Classe operária, dirigida pelas dos fazendeiros, invernistas e compradores de gado.

Os “cafés” vivem cheios dessa gente toda, e a cerveja corre, e correm rios de dinheiro, na compra dos gados... (Barretos de 40 na visão Uriel Rocha. **O**

### **Diário de Barretos)**

A carta de Uriel Rocha é sugestiva. Este documento é carregado do que já foi chamado de elogio do movimento, isto é, de forças diametralmente opostas e dialeticamente imbricadas como são a ordem e a desordem. É a interpretação desse movimento e do jogo de tensões que se forma diante dele que permitem aos sujeitos expostos a esse movimento se posicionarem diante da realidade, se situarem no tempo e no espaço e, ao final das contas, se construírem como sujeitos do ponto de vista existencial. Pode-se afirmar algo desse tipo, porque é a interpretação do movimento que gera a constituição de referenciais claros de ações e reações diante do mundo, das coisas e das pessoas que o formam, tais como “ontem” e “hoje”, “arcaico” e “novo”, “nós” e os “outros”, “aqui” e “lá”, principalmente. Ao estudioso em busca da compreensão da modernidade e seus efeitos, trata-se de ter em mãos um relato repleto do prazer e da angústia de ser

moderno, de se reconhecer como moderno, a partir da revelação das contradições que marcam indelevelmente isso.

E a interpretação desse movimento que baliza os trabalhos que formam a comunicação coordenada: “Cidade, cotidiano e modernidade: estudos sobre Ribeirão Preto, Primeira República”.

## **BIBLIOGRAFIA**

BALANDIER, G. **A Desordem**: elogio do movimento. Trad. Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DOIM, J. E. (et al). *A Belle Époque Caipira*: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852/1930) - a proposta do CEMUMC. **Revista Brasileira de História**, v.53, p.91-122, 2007.